METODOLOGIAS ATIVAS NA PRÁTICA DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO PRINCIPIO EDUCATIVO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

Jeane Nascimento Santos[1]
Marcela da Silva Santana[2]

INTRODUÇÃO

As transformações sociais, culturais, tecnológicas e educacionais ocorridas nas últimas décadas têm provocado profundas reflexões acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto da educação básica. Nesse cenário, emerge a necessidade de repensar os processos de ensino-aprendizagem historicamente fundamentados em modelos tradicionais de educação, marcados pela centralização do conhecimento na figura do professor, pela fragmentação curricular e pela passividade discente. Tais modelos, durante muito tempo, contribuíram para a reprodução de práticas pedagógicas mecanizadas, descontextualizadas e distantes das realidades vivenciadas pelos estudantes, limitando a construção de uma educação crítica, democrática e emancipadora.

A educação contemporânea exige práticas pedagógicas que ultrapassem a simples transmissão de conteúdos e favoreçam a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento,de forma significativa e contextualizada. Nesse contexto, as metodologias ativas têm ganhado destaque no campo educacional, especialmente na educação básica, em propor estratégias de ensino que valorizam a autonomia, o protagonismo estudantil, a investigação, a resolução de problemas e a aprendizagem colaborativa. Essas metodologias configuram-se, como importantes possibilidades pedagógicas para o fortalecimento de práticas educativas mais significativas, críticas e humanizadoras,bem como a ludicidade visivel nas ações e na prática educativa.

[1] Instituição. UNEB- Mestre em Educação de Jovens e Adultos, Coordenação Colegiada do Fórum de EJA do Território do Sisal. Coordenação Colegiada do Fórum de EJA da Bahia, Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Política e Avaliação Educacional na Bahia. Cidade. Associada ao GT18 da ANPED, Associada a aNPAE.Teofilândia- Ba, Brasil. E-mail: jeaneeducacaocampo@gmail.com.
[2]Marcela da Silva Santana é mestranda em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É especialista em Educação do Campo pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Atualmente, atua como professora dos anos iniciais na Escola Municipal São João Batista, localizada no povoado Quixaba do Mandacaru, zona rural do município de Tucano, Bahia. E- mail:marcelasanantana@gmail.com.



Segundo José Moran (2018), as metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o estudante no centro do processo de ensino-aprendizagem, envolvendo-o de forma participativa e colaborativa na construção do conhecimento. Nessa perspectiva, o aprender deixa de ser um processo passivo e passa a acontecer por meio da interação, da problematização, da pesquisa, da criatividade e da construção coletiva de saberes. Assim, o estudante deixa de ocupar apenas a posição de receptor de informações e passa a tornar-se sujeito ativo na produção do conhecimento,por meio da metodologia do ensino colaborativo,evidênciando a participação e integração do estudante.

As discussões sobre metodologias ativas também se articulam às reflexões desenvolvidas por Paulo Freire (1996), ao defender uma educação fundamentada no diálogo, na autonomia e na formação crítica dos sujeitos. Para Freire, ensinar não significa transferir conhecimentos prontos, mas criar possibilidades para que os educandos construam saberes a partir de suas experiências, leituras de mundo e vivências sociais. Dessa forma, as metodologias ativas aproximam-se de uma perspectiva de educação emancipadora, comprometida com a formação humana integral e com a transformação social.

Entretanto, discutir metodologias ativas vai muito além da utilização de recursos didáticos diferenciados ou práticas consideradas inovadoras. Trata-se de compreender a educação enquanto prática educativa e ato política, ética e social, capaz de contribuir para a construção de sujeitos críticos, participativos e conscientes de sua atuação na sociedade. Nessa direção, as metodologias ativas apresentam-se como importantes instrumentos pedagógicos para a democratização do conhecimento, para a valorização das diferentes formas de aprendizagem e para o fortalecimento de práticas educativas inclusivas e humanizadoras.

Diante dessas reflexões, o presente trabalho parte da seguinte problemática: de que maneira as metodologias ativas podem contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas emancipatórias na educação básica, favorecendo a formação crítica, participativa e autônoma dos estudantes?

A partir dessa problemática, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar as contribuições das metodologias ativas para o processo de ensino-aprendizagem na educação básica, compreendendo-as como princípio educativo voltado à emancipação humana e à formação integral dos sujeitos. Como objetivos específicos, busca-se: discutir os fundamentos teóricos das metodologias ativas no contexto educacional contemporâneo; refletir sobre a relação entre metodologias ativas e emancipação humana; compreender o papel do professor na mediação



dessas práticas pedagógicas; e analisar os desafios e possibilidades da implementação dessas metodologias na educação básica.

A relevância deste estudo justifica-se, pela necessidade de fortalecer práticas pedagógicas mais democráticas, participativas e contextualizadas, capazes de romper com modelos tradicionais de ensino ainda fortemente presentes nos espaços escolares. Além disso, torna-se fundamental discutir práticas educativas que contribuam para a formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes de sua realidade social,em que estão inseridos especialmente diante das transformações e desafios vivenciados pela educação contemporânea.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e analítica, fundamentada na revisão crítica de livros, artigos científicos e documentos oficiais que discutem metodologias ativas, educação básica e emancipação humana. Para o desenvolvimento deste estudo, dialoga-se com referenciais teóricos de autores como Paulo Freire (1996), José Moran (2018), Maurice Tardif (2014) e Dermeval Saviani (2018), entre outros que contribuem para a compreensão crítica da temática.

O trabalho está organizado em capítulos que discutem inicialmente os desafios da educação contemporânea e os limites do ensino tradicional, posteriormente aprofundando os fundamentos teóricos das metodologias ativas e suas contribuições para a emancipação humana. Em seguida, aborda-se o papel do professor na mediação pedagógica dessas práticas, os desafios da implementação dessas metodologias na educação básica e, por fim, apresentam-se as discussões, resultados e considerações finais do estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Tradicional e os Desafios da Educação Contemporânea

A educação brasileira foi historicamente construída sob fortes influências de modelos pedagógicos tradicionais, marcados pela centralização do processo educativo na figura do professor, pela fragmentação dos conhecimentos e pela valorização da memorização mecânica dos conteúdos escolares. Durante décadas, predominou nas instituições escolares uma concepção de ensino baseada na transmissão unilateral do conhecimento, na disciplina rígida e na reprodução de conteúdos previamente estabelecidos, desconsiderando, muitas vezes, os contextos sociais, culturais e históricos vivenciados pelos estudantes.

Esse modelo tradicional de ensino consolidou práticas pedagógicas verticalizadas, nas quais os estudantes ocupavam posições passivas no processo educativo, sendo vistos apenas como



receptores de informações. Nessa lógica, o conhecimento escolar era compreendido como algo pronto e acabado, cabendo ao professor apenas transmitir conteúdos e ao estudante reproduzi-los por meio de exercícios repetitivos e avaliações classificatórias. Tal perspectiva contribuiu significativamente para a construção de uma educação excludente, distante das realidades sociais dos sujeitos e limitada à reprodução de saberes descontextualizados,com práticas da pedagogia da crueldade.

Segundo Paulo Freire (1987), esse modelo caracteriza-se como educação bancária, uma vez que transforma os estudantes em depósitos de conteúdos, negando-lhes a condição de sujeitos históricos e produtores de conhecimento, sem oportuniza-los,a ineragirem na aula de forma participativa,sem direito a voz, e tornando assim,silenciados pelo autoritarismo na figura do professor como mero transmissor de conhecimento. Para Freire (1987), a prática educativa fundamentada apenas na transferência de informações impede o desenvolvimento da consciência crítica e dificulta a construção de processos educativos verdadeiramente humanizadores e libertadores. Nesse sentido, a educação bancária contribui para a manutenção das desigualdades sociais, culturais e políticas, uma vez que limita os sujeitos à adaptação passiva da realidade.

Além disso, o modelo tradicional historicamente ignorou os saberes populares, as experiências comunitárias e os conhecimentos construídos pelos sujeitos em suas trajetórias de vida, e as peculiaridades locais, ou da comunidade em que esses estudantes estão inseridos. As culturas locais, as vivências sociais, os conhecimentos do campo, das periferias e das populações historicamente marginalizadas foram, durante muito tempo, invisibilizados pelos currículos escolares. Tal realidade contribuiu para o distanciamento entre escola e vida social, tornando os processos educativos pouco significativos para muitos estudantes da educação básica, tornando assim, uma educação desinteressante.

De acordo com Miguel Arroyo (2011), os sujeitos que chegam às escolas carregam histórias, experiências, identidades, culturas e saberes produzidos em seus territórios e contextos sociais. Entretanto, os modelos tradicionais de ensino frequentemente desconsideram essas trajetórias, contribuindo para processos de exclusão e silenciamento dentro dos espaços escolares. Assim, pensar uma educação comprometida com a formação humana exige reconhecer os estudantes como sujeitos históricos e culturais, capazes de produzir conhecimentos e transformar suas realidades.

As profundas transformações sociais, tecnológicas, culturais e econômicas ocorridas nas últimas décadas também provocaram mudanças significativas nas formas de aprender, ensinar e



se relacionar com o conhecimento, ou até mesmo adaptar ferramentas as necessidades básicas do seu cotidiano, como exemplo o uso de celular em algumas das suas atividades, exeplificando o uso da calculadora. A sociedade contemporânea passou a demandar sujeitos mais críticos, criativos, autônomos e capazes de dialogar com diferentes linguagens, contextos e problemáticas sociais. Nesse cenário, torna-se cada vez mais insuficiente uma educação fundamentada apenas na memorização e na reprodução de conteúdos fragmentados, fragilizados e aligeirados.

As tecnologias digitais, os novos meios de comunicação e o acesso ampliado à informação desafiam constantemente as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas. Entretanto, tais mudanças não significam apenas a incorporação de recursos tecnológicos ao ambiente escolar, mas exigem transformações profundas na forma de compreender os processos educativos. Conforme destaca José Moran (2018), a educação contemporânea necessita de práticas pedagógicas que favoreçam maior participação dos estudantes, estimulando a investigação, a autonomia, a criatividade e a construção coletiva do conhecimento em regime de colaboração.

Nesse contexto, emerge a necessidade de superar práticas educativas centradas exclusivamente na figura do professor e na transmissão mecânica dos conteúdos escolares. A educação contemporânea exige metodologias capazes de promover aprendizagens significativas, contextualizadas e articuladas às experiências dos estudantes. Mais do que ensinar conteúdos, a escola precisa contribuir para a formação integral dos sujeitos, possibilitando o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais, emocionais, éticas e políticas.

Segundo Dermeval Saviani (2018), a educação possui um papel fundamental na formação humana e na transformação social, devendo contribuir para que os sujeitos compreendam criticamente a realidade em que vivem. Nessa perspectiva, o trabalho educativo precisa estar articulado às necessidades concretas da sociedade e aos processos históricos vivenciados pelos indivíduos, ultrapassando perspectivas meramente tecnicistas ou conteudistas de forma padronizada posta pelo sistema.

As discussões contemporâneas sobre educação também evidenciam a importância da construção de práticas pedagógicas mais democráticas, inclusivas e participativas e emancipatória. Nesse sentido, a aprendizagem não deve ser compreendida como um processo individual e mecânico, mas como construção coletiva mediada pelas relações sociais, pelo diálogo e pela interação entre os sujeitos. Assim, os estudantes deixam de ocupar uma posição passiva para assumirem um papel ativo no processo educativo, participando da construção dos conhecimentos de forma crítica e reflexiva.



É nesse cenário que as metodologias ativas ganham relevância no campo educacional, especialmente por proporem práticas pedagógicas fundamentadas na participação, na problematização, na investigação e no protagonismo estudantil. Essas metodologias apresentam-se como possibilidades concretas de enfrentamento aos limites do ensino tradicional, favorecendo processos educativos mais humanizadores, significativos e emancipatórios.

Entretanto, é importante destacar que a simples adoção de atividades diferenciadas ou recursos tecnológicos não garante, por si só, a transformação da prática educativa. A construção de uma educação crítica e emancipadora depende da intencionalidade pedagógica, da formação docente, do compromisso ético e político da escola e da valorização dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Dessa maneira, discutir metodologias ativas implica refletir sobre os sentidos da educação, sobre as relações de poder presentes nos espaços escolares e sobre a necessidade de construir práticas educativas comprometidas com a justiça social, a democratização do conhecimento e a emancipação humana.

Assim, diante dos desafios da educação contemporânea, torna-se fundamental pensar práticas pedagógicas que reconheçam os estudantes como sujeitos históricos, culturais e sociais, valorizando suas experiências, saberes e trajetórias de vida. Nesse contexto, as metodologias ativas configuram-se como importantes possibilidades para o fortalecimento de uma educação mais crítica, democrática, inclusiva e humanizadora, comprometida com a formação integral dos sujeitos e com a transformação da realidade social.

2.2 Metodologias Ativas: Conceitos, Fundamentos e Perspectivas na Educação Básica

As discussões acerca das metodologias ativas vêm ocupando espaço significativo no campo educacional contemporâneo, especialmente diante da necessidade de construção de práticas pedagógicas mais democráticas, participativas e contextualizadas. Em contraposição aos modelos tradicionais de ensino, fundamentados na centralização do conhecimento na figura do professor e na passividade discente, as metodologias ativas propõem uma reorganização dos processos educativos, colocando os estudantes no centro da aprendizagem e reconhecendo-os como sujeitos ativos na construção do conhecimento.

As metodologias ativas configuram-se como práticas pedagógicas que estimulam a participação, a investigação, a problematização e a autonomia dos educandos, favorecendo aprendizagens mais significativas e articuladas às experiências sociais dos sujeitos. Nessa perspectiva, o processo educativo deixa de ser compreendido como mera transmissão de conteúdos e passa a ser construído de forma coletiva, dialógica e participativa.



Segundo José Moran (2018), as metodologias ativas constituem estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção da aprendizagem, por meio de experiências, desafios, projetos, resolução de problemas e práticas investigativas. Para o autor, aprender ativamente significa envolver-se de maneira crítica e reflexiva no processo educativo, construindo conhecimentos a partir das interações sociais, das experiências vividas e da relação entre teoria e prática.

Nessa direção, as metodologias ativas dialogam diretamente com perspectivas pedagógicas críticas e progressistas que defendem a educação como prática social transformadora. As contribuições de Paulo Freire (1996) tornam-se fundamentais para compreender esse processo, sobretudo ao defender uma educação baseada no diálogo, na autonomia e na problematização da realidade. Para Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimentos prontos, mas criar possibilidades para a produção e construção coletiva dos saberes. Assim, o estudante deixa de ocupar uma posição passiva e passa a assumir papel protagonista na aprendizagem.

As metodologias ativas também possuem forte relação com os princípios da aprendizagem significativa, especialmente ao valorizarem os conhecimentos prévios, as experiências e as vivências dos educandos. Nesse sentido, o conhecimento escolar deixa de ser apresentado de maneira descontextualizada e passa a dialogar com as realidades sociais, culturais e históricas dos sujeitos. Tal perspectiva favorece maior envolvimento dos estudantes no processo educativo, estimulando a curiosidade, a criatividade, a autonomia intelectual e a construção do pensamento crítico.

Além disso, essas metodologias contribuem para o desenvolvimento de múltiplas habilidades cognitivas, sociais e emocionais, possibilitando que os estudantes aprendam por meio da colaboração, da interação e da resolução de situações concretas. A aprendizagem passa a ocorrer de forma mais dinâmica e participativa, favorecendo o desenvolvimento da oralidade, da argumentação, da capacidade investigativa, da tomada de decisões e da responsabilidade coletiva.

Conforme destaca John Dewey (1979), a educação deve estar articulada à experiência e à vida social dos sujeitos. Para Dewey, o processo educativo precisa possibilitar situações concretas de aprendizagem, nas quais os estudantes participem ativamente da construção dos conhecimentos. Tal compreensão aproxima-se significativamente das metodologias ativas, especialmente por reconhecer que os sujeitos aprendem de forma mais significativa quando participam efetivamente das experiências educativas.



No contexto da educação básica, diferentes estratégias pedagógicas vêm sendo desenvolvidas a partir dos princípios das metodologias ativas. Entre elas, destacam-se a aprendizagem baseada em problemas, a aprendizagem baseada em projetos, a sala de aula invertida, os estudos de caso, a gamificação, o ensino híbrido e as práticas colaborativas. Essas metodologias possuem em comum a valorização do protagonismo estudantil e da construção coletiva do conhecimento, possibilitando práticas educativas mais contextualizadas e participativas.

A aprendizagem baseada em problemas, por exemplo, propõe que os estudantes sejam desafiados a investigar e solucionar situações reais ou hipotéticas relacionadas ao seu contexto social. Essa metodologia estimula a reflexão crítica, a pesquisa, a autonomia e a capacidade de resolução de problemas. Já a aprendizagem baseada em projetos favorece o desenvolvimento de atividades interdisciplinares e coletivas, permitindo que os estudantes construam conhecimentos por meio da investigação e da produção de soluções concretas para determinadas problemáticas.

A sala de aula invertida, por sua vez, reorganiza os tempos e espaços da aprendizagem, possibilitando que os estudantes tenham contato prévio com os conteúdos antes das aulas presenciais. Dessa maneira, o espaço escolar passa a ser utilizado prioritariamente para discussões, reflexões, problematizações e atividades colaborativas, fortalecendo a interação entre professor e estudantes.

Além das contribuições pedagógicas, as metodologias ativas também favorecem processos educativos mais inclusivos e democráticos, especialmente por reconhecerem os diferentes ritmos, experiências e formas de aprendizagem dos estudantes. Ao valorizarem a participação coletiva, o diálogo e a construção compartilhada dos saberes, essas metodologias contribuem para o fortalecimento de práticas educativas mais humanizadoras e menos excludentes.

Entretanto, é importante destacar que a implementação das metodologias ativas na educação básica ainda enfrenta diversos desafios. A permanência de práticas tradicionais de ensino, a ausência de formação docente continuada, a precarização das condições de trabalho nas escolas, os currículos excessivamente conteudistas e as desigualdades estruturais presentes no sistema educacional brasileiro dificultam a consolidação dessas práticas pedagógicas no cotidiano escolar.

Segundo Maurice Tardif (2014), os saberes docentes são construídos a partir das experiências profissionais, das formações acadêmicas e das vivências cotidianas dos professores. Dessa forma, pensar a implementação das metodologias ativas exige também refletir sobre os



processos de formação docente, sobre as condições de trabalho e sobre a valorização dos profissionais da educação.

Nessa perspectiva, as metodologias ativas não devem ser compreendidas apenas como técnicas ou recursos pedagógicos isolados, mas como possibilidades de construção de práticas educativas críticas, democráticas e emancipatórias. Mais do que modificar estratégias de ensino, essas metodologias propõem novas formas de compreender a aprendizagem, o papel do professor, a participação dos estudantes e os sentidos da educação na sociedade contemporânea.

Assim, ao promoverem a autonomia, a criticidade, a participação coletiva e a construção significativa do conhecimento, as metodologias ativas configuram-se como importantes instrumentos pedagógicos para o fortalecimento de uma educação comprometida com a formação integral dos sujeitos e com a emancipação humana.

2.3 Metodologias Ativas e Emancipação Humana

As discussões acerca das metodologias ativas ultrapassam os limites das práticas pedagógicas consideradas inovadoras ou das estratégias diferenciadas de ensino utilizadas em sala de aula. Mais do que técnicas metodológicas, essas práticas educativas precisam ser compreendidas dentro de uma perspectiva crítica de educação, comprometida com a formação humana integral, com a autonomia dos sujeitos e com a transformação social. Nesse sentido, as metodologias ativas aproximam-se de concepções pedagógicas emancipatórias que compreendem a educação como prática de liberdade, diálogo e construção coletiva do conhecimento.

A ideia de emancipação humana está relacionada à capacidade dos sujeitos compreenderem criticamente a realidade em que vivem, posicionarem-se diante das desigualdades sociais e atuarem de forma consciente na transformação de suas condições de existência. Dessa maneira, uma educação comprometida com a emancipação humana não se limita à transmissão de conteúdos escolares, mas busca desenvolver nos estudantes a criticidade, a autonomia intelectual, a consciência social e a participação coletiva.

Segundo Paulo Freire (1987), a educação precisa possibilitar que os sujeitos realizem uma leitura crítica do mundo, compreendendo-se como participantes ativos da história e não apenas como indivíduos passivos diante das estruturas sociais. Para Freire (1996), ensinar exige diálogo, respeito aos saberes dos educandos e compromisso ético com a formação humana. Assim, a prática educativa deve favorecer a autonomia e a construção da consciência crítica, permitindo que os sujeitos compreendam e problematizem suas realidades sociais.



Nessa perspectiva, as metodologias ativas dialogam profundamente com a pedagogia freireana, especialmente por valorizarem o protagonismo dos estudantes, a participação coletiva e a construção compartilhada do conhecimento. Ao envolver os educandos em processos investigativos, reflexivos e colaborativos, essas metodologias rompem com práticas pedagógicas autoritárias e contribuem para a construção de relações educativas mais democráticas e humanizadoras.

As metodologias ativas favorecem a emancipação humana justamente porque reconhecem os estudantes como sujeitos históricos, sociais e culturais, portadores de experiências, conhecimentos e saberes produzidos em seus contextos de vida. Diferentemente das práticas tradicionais de ensino, nas quais os estudantes assumem posições passivas, essas metodologias estimulam a participação ativa, a autonomia e o desenvolvimento da capacidade crítica.

Conforme destaca bell hooks (2013), a educação deve ser compreendida como prática de liberdade e espaço de construção da consciência crítica. Para hooks (2013), os processos educativos precisam romper com estruturas opressoras e possibilitar que os sujeitos expressem suas vozes, suas experiências e suas identidades. Nessa direção, as metodologias ativas tornam-se importantes instrumentos pedagógicos para o fortalecimento de práticas educativas mais democráticas, inclusivas e emancipatórias.

Além disso, a emancipação humana está diretamente relacionada à valorização do diálogo enquanto elemento fundamental da prática educativa. Nas metodologias ativas, o diálogo deixa de ser apenas uma estratégia de comunicação e passa a constituir um princípio pedagógico essencial para a construção do conhecimento. A aprendizagem acontece por meio da interação, da troca de experiências, da problematização e da participação coletiva, favorecendo a construção de saberes mais significativos e contextualizados.

Outro aspecto importante refere-se à superação da fragmentação do conhecimento presente nos modelos tradicionais de ensino. As metodologias ativas possibilitam práticas interdisciplinares, investigativas e contextualizadas, articulando os conteúdos escolares às experiências concretas dos estudantes. Dessa forma, os conhecimentos deixam de ser apresentados de maneira isolada e passam a dialogar com as realidades sociais, culturais e históricas vivenciadas pelos sujeitos.

Segundo Miguel Arroyo (2011), a escola precisa reconhecer os sujeitos em suas múltiplas dimensões humanas, culturais e sociais, valorizando seus saberes, suas trajetórias e suas identidades. Para Arroyo (2011), uma educação comprometida com a formação humana exige



práticas pedagógicas que reconheçam os estudantes para além dos conteúdos escolares, compreendendo-os como sujeitos de direitos e produtores de conhecimento.

Nesse contexto, as metodologias ativas contribuem significativamente para a democratização do conhecimento e para o fortalecimento de práticas educativas mais inclusivas. Ao valorizarem diferentes ritmos, experiências e formas de aprendizagem, essas metodologias possibilitam maior participação dos estudantes nos processos educativos, favorecendo a construção de relações mais horizontais entre professores e educandos.

Entretanto, pensar metodologias ativas na perspectiva da emancipação humana também exige reconhecer os desafios presentes no contexto educacional brasileiro. As desigualdades sociais, a precarização das condições de trabalho docente, a ausência de investimentos educacionais e os currículos excessivamente conteudistas ainda limitam a construção de práticas pedagógicas verdadeiramente críticas e transformadoras. Além disso, muitas vezes as metodologias ativas são reduzidas apenas a técnicas de ensino ou recursos tecnológicos, esvaziando seu potencial político, crítico e emancipador.

Conforme ressalta Dermeval Saviani (2018), a educação escolar precisa estar comprometida com a socialização crítica do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade social. Assim, a construção de práticas educativas emancipatórias exige intencionalidade pedagógica, compromisso ético e posicionamento político diante das desigualdades presentes na sociedade.

Dessa maneira, as metodologias ativas não devem ser compreendidas apenas como alternativas metodológicas inovadoras, mas como possibilidades concretas de fortalecimento de uma educação crítica, democrática e humanizadora. Ao favorecerem a autonomia, o protagonismo estudantil, o diálogo, a participação coletiva e a construção significativa do conhecimento, essas metodologias contribuem para a formação de sujeitos mais conscientes, reflexivos e capazes de atuar na transformação da realidade social em que estão inseridos,pautada na pedagogia do movimento.

Assim, discutir metodologias ativas na perspectiva da emancipação humana implica defender uma educação comprometida com a dignidade dos sujeitos, com a democratização do conhecimento e com a construção de práticas pedagógicas voltadas à formação integral e libertadora dos estudantes da educação básica.



2.4 O Papel do Professor nas Metodologias Ativas e na Construção da Aprendizagem Significativa

As discussões sobre metodologias ativas também exigem reflexões profundas acerca do papel do professor no processo educativo contemporâneo. Durante muito tempo, o modelo tradicional de ensino consolidou a imagem do docente como principal detentor do conhecimento, responsável por transmitir conteúdos de forma linear e centralizada. Nesse modelo, os estudantes ocupavam posições passivas, limitando-se à escuta, à memorização e à reprodução das informações apresentadas em sala de aula. Entretanto, as transformações educacionais contemporâneas e as novas perspectivas pedagógicas têm provocado mudanças significativas nessa concepção de docência.

No contexto das metodologias ativas, o professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdos e passa a assumir o papel de mediador, orientador e articulador do processo de ensino-aprendizagem. Isso significa que a prática docente passa a ser construída a partir do diálogo, da escuta, da problematização e da participação coletiva, favorecendo a construção de aprendizagens mais significativas, críticas e contextualizadas.

Segundo Paulo Freire (1996), ensinar exige comprometimento ético, respeito aos saberes dos educandos e compreensão de que a educação é um processo construído coletivamente. Para Freire (1996), não existe docência sem discência, pois professores e estudantes aprendem juntos na relação pedagógica. Nessa perspectiva, o professor não ocupa uma posição de superioridade intelectual sobre os estudantes, mas atua como sujeito que também aprende no processo educativo.

As metodologias ativas fortalecem essa compreensão ao valorizarem a participação efetiva dos estudantes na construção do conhecimento. Dessa maneira, o professor assume a função de criar possibilidades pedagógicas para que os educandos investiguem, problematizem, dialoguem e construam conhecimentos de forma autônoma e crítica. O trabalho docente passa, então, a envolver planejamento, mediação pedagógica, acompanhamento das aprendizagens e desenvolvimento de práticas educativas contextualizadas às realidades dos estudantes.

De acordo com José Moran (2018), o professor contemporâneo precisa atuar como orientador de percursos de aprendizagem, estimulando a curiosidade, a criatividade, a investigação e a participação ativa dos estudantes. Nesse sentido, o docente deixa de ser o centro exclusivo do processo educativo e passa a construir práticas pedagógicas mais colaborativas e democráticas.

Além disso, o desenvolvimento das metodologias ativas exige que o professor reconheça os estudantes como sujeitos históricos, sociais e culturais, portadores de experiências e

conhecimentos produzidos em diferentes espaços da vida social. Assim, a prática docente precisa dialogar com as vivências dos educandos, valorizando seus saberes, suas identidades e suas formas de compreender o mundo.

Segundo Maurice Tardif (2014), os saberes docentes são construídos a partir das experiências profissionais, das formações acadêmicas e das relações estabelecidas no cotidiano escolar. Para Tardif (2014), o trabalho docente não se limita à aplicação de técnicas pedagógicas, mas envolve processos complexos de interação humana, mediação do conhecimento e construção de práticas educativas significativas.

Nesse contexto, pensar o papel do professor nas metodologias ativas também implica refletir sobre os processos de formação docente. Muitos profissionais da educação foram historicamente formados em perspectivas tradicionais de ensino, fundamentadas na centralização do professor e na fragmentação curricular. Dessa forma, a implementação de práticas pedagógicas participativas e investigativas exige processos contínuos de formação inicial e continuada, capazes de contribuir para a ressignificação das práticas educativas.

As formações docentes precisam possibilitar espaços de reflexão crítica sobre a prática pedagógica, sobre os desafios da educação contemporânea e sobre as necessidades reais dos estudantes da educação básica. Mais do que ensinar técnicas metodológicas, é necessário construir processos formativos que fortaleçam a autonomia docente, a pesquisa, o diálogo e a capacidade de desenvolver práticas educativas críticas e emancipatórias.

Conforme destaca António Nóvoa (1992), a formação de professores deve estar articulada às experiências concretas da docência, favorecendo a construção da identidade profissional e a reflexão permanente sobre a prática educativa. Para Nóvoa (1992), o professor constrói seus saberes no cotidiano da escola, nas relações estabelecidas com os estudantes, com a comunidade escolar e com os desafios presentes no exercício da profissão.

Outro aspecto importante refere-se à necessidade de superação de práticas pedagógicas autoritárias ainda presentes em muitos espaços escolares. As metodologias ativas exigem relações educativas mais horizontais, fundamentadas no respeito, no diálogo e na participação coletiva. Isso implica compreender os estudantes como sujeitos capazes de pensar, questionar, criar e construir conhecimentos, rompendo com práticas educativas centradas apenas na obediência e na reprodução de conteúdos.

Além disso, a atuação docente nas metodologias ativas exige sensibilidade para reconhecer as diferentes formas de aprendizagem, os distintos ritmos dos estudantes e as desigualdades sociais



presentes no contexto escolar. Nesse sentido, o professor precisa desenvolver práticas pedagógicas inclusivas e humanizadoras, capazes de favorecer a participação de todos os sujeitos no processo educativo.

Entretanto, é importante destacar que o trabalho docente enfrenta inúmeros desafios no contexto educacional brasileiro. A precarização das condições de trabalho, a sobrecarga profissional, os baixos investimentos em educação, os currículos excessivamente conteudistas e a ausência de políticas efetivas de valorização docente dificultam a construção de práticas pedagógicas mais críticas e participativas. Muitas vezes, os professores desejam desenvolver metodologias ativas, mas encontram limitações estruturais, falta de recursos e ausência de apoio institucional.

Além disso, a compreensão equivocada de que as metodologias ativas resumem-se apenas ao uso de tecnologias ou atividades lúdicas pode contribuir para o esvaziamento do potencial crítico dessas práticas pedagógicas. As metodologias ativas precisam estar articuladas a uma intencionalidade pedagógica comprometida com a formação humana, com a participação coletiva e com a construção da autonomia dos sujeitos.

Dessa maneira, o papel do professor nas metodologias ativas vai muito além da aplicação de estratégias diferenciadas de ensino. Trata-se de construir práticas educativas fundamentadas no diálogo, na mediação pedagógica, na problematização da realidade e na valorização dos estudantes enquanto sujeitos históricos e produtores de conhecimento. Assim, o trabalho docente torna-se elemento fundamental para o fortalecimento de uma educação crítica, democrática, inclusiva e emancipadora.

Portanto, pensar as metodologias ativas na educação básica exige reconhecer o professor como sujeito central na construção das aprendizagens, não mais como único detentor do conhecimento, mas como mediador comprometido com a formação integral dos estudantes e com a construção de práticas educativas transformadoras e humanizadoras

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e analítica, fundamentado na compreensão crítica das metodologias ativas enquanto possibilidade pedagógica voltada à emancipação humana e à formação integral dos sujeitos na educação básica. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender os fenômenos educacionais em suas dimensões sociais, humanas, históricas e



pedagógicas, considerando a complexidade das relações estabelecidas no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Antônio Carlos Gil (2008), a pesquisa qualitativa busca interpretar os fenômenos sociais a partir de seus significados, valores e contextos, permitindo maior aprofundamento das discussões e análises desenvolvidas ao longo do estudo. Nesse sentido, a abordagem qualitativa possibilita compreender as metodologias ativas para além de simples estratégias de ensino, analisando seus impactos na formação crítica, participativa e emancipatória dos estudantes.

O estudo fundamenta-se na pesquisa bibliográfica, realizada por meio da análise crítica de livros, artigos científicos, dissertações, documentos oficiais e produções acadêmicas que discutem metodologias ativas, educação básica, formação humana, práticas pedagógicas e emancipação social. Conforme destaca Antônio Carlos Gil (2008), a pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador aprofundar conhecimentos sobre determinada temática a partir de referenciais teóricos já produzidos, contribuindo para a construção de análises críticas e reflexivas.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram selecionados referenciais teóricos de autores que discutem educação crítica, metodologias ativas e formação humana, entre eles Paulo Freire (1987; 1996), José Moran (2018), Maurice Tardif (2014), Dermeval Saviani (2018), Miguel Arroyo (2011) e bell hooks (2013), entre outros autores que contribuem para a compreensão crítica da temática abordada.

A construção metodológica deste estudo também se fundamenta na perspectiva analítica e reflexiva, buscando compreender as metodologias ativas em suas múltiplas dimensões pedagógicas, sociais e políticas. Dessa forma, o trabalho não se limita à descrição conceitual dessas metodologias, mas busca problematizar seus sentidos, possibilidades e desafios no contexto da educação básica contemporânea.

No percurso da pesquisa, realizou-se inicialmente o levantamento bibliográfico das produções relacionadas à temática, seguido da leitura exploratória e seletiva dos materiais encontrados. Posteriormente, desenvolveu-se a leitura analítica e interpretativa das obras selecionadas, identificando os principais conceitos, contribuições teóricas e discussões relacionadas às metodologias ativas e à emancipação humana. A partir dessas leituras, foi possível construir diálogos entre os diferentes referenciais teóricos, favorecendo maior aprofundamento crítico sobre o objeto de estudo.

Além disso, a pesquisa buscou refletir sobre experiências pedagógicas desenvolvidas na educação básica que dialogam com os princípios das metodologias ativas, especialmente práticas



voltadas ao protagonismo estudantil, à aprendizagem colaborativa, à problematização da realidade e à construção significativa do conhecimento. Essas reflexões permitiram compreender como tais metodologias podem contribuir para a formação crítica, participativa e autônoma dos estudantes nos diferentes contextos educacionais.

A análise dos dados e das discussões teóricas fundamentou-se na perspectiva crítica da educação, especialmente nas contribuições da pedagogia freireana, compreendendo a prática educativa como espaço de diálogo, transformação social e construção da consciência crítica. Nessa perspectiva, a educação é entendida como prática humanizadora, comprometida com a valorização dos sujeitos, com a democratização do conhecimento e com a construção de práticas pedagógicas emancipatórias.

Dessa maneira, o percurso metodológico adotado neste estudo possibilitou compreender as metodologias ativas não apenas como estratégias didáticas, mas como práticas pedagógicas que podem contribuir para o fortalecimento de uma educação crítica, democrática e inclusiva, comprometida com a formação integral dos sujeitos e com a emancipação humana no contexto da educação básica.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

As discussões desenvolvidas ao longo deste estudo evidenciam que as metodologias ativas possuem significativa relevância no fortalecimento de práticas pedagógicas mais democráticas, participativas e emancipatórias no contexto da educação básica. Ao colocarem os estudantes como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, essas metodologias contribuem para a construção de experiências educativas mais significativas, críticas e contextualizadas, favorecendo o desenvolvimento integral dos sujeitos.

A análise dos referenciais teóricos revelou que as metodologias ativas rompem com perspectivas tradicionais de ensino fundamentadas na transmissão mecânica de conteúdos e na centralização do conhecimento na figura do professor. Em contraposição a esse modelo, essas práticas pedagógicas valorizam o diálogo, a investigação, a resolução de problemas, a participação coletiva e a construção compartilhada dos saberes, possibilitando maior envolvimento dos estudantes nos processos educativos.

Segundo José Moran (2018), a aprendizagem torna-se mais significativa quando os estudantes participam ativamente da construção do conhecimento, relacionando os conteúdos escolares às suas experiências e realidades sociais. Nessa perspectiva, as metodologias ativas



favorecem não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também habilidades relacionadas à autonomia, à criticidade, à criatividade, à oralidade e à capacidade de tomada de decisões.

As discussões também evidenciaram que as metodologias ativas contribuem para a valorização dos conhecimentos prévios e das experiências sociais dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos históricos e produtores de saberes. Tal compreensão aproxima-se das contribuições de Paulo Freire (1996), ao defender uma educação fundamentada no diálogo, na participação e na leitura crítica da realidade. Assim, as metodologias ativas fortalecem práticas educativas mais humanizadoras, capazes de favorecer a construção da consciência crítica e da emancipação humana.

Outro aspecto relevante identificado no estudo refere-se ao fortalecimento do protagonismo estudantil nos processos educativos. As metodologias ativas estimulam os estudantes a assumirem uma postura mais participativa diante da aprendizagem, desenvolvendo maior autonomia intelectual e envolvimento nas atividades escolares. Nesse sentido, os estudantes deixam de ocupar posições passivas para tornarem-se sujeitos ativos na construção do conhecimento, participando de investigações, debates, projetos e práticas colaborativas.

As análises também demonstraram que as metodologias ativas favorecem a construção de aprendizagens mais contextualizadas e interdisciplinares, articulando os conteúdos escolares às vivências sociais, culturais e históricas dos educandos. Essa aproximação entre conhecimento escolar e realidade social contribui para tornar o processo educativo mais significativo e conectado às necessidades concretas dos estudantes.

Além disso, as metodologias ativas mostraram-se importantes instrumentos pedagógicos para o fortalecimento de práticas educativas inclusivas, especialmente por reconhecerem os diferentes ritmos, experiências e formas de aprendizagem presentes no ambiente escolar. Ao valorizarem a participação coletiva e o diálogo, essas metodologias contribuem para a democratização do acesso ao conhecimento e para a construção de relações pedagógicas mais horizontais e humanizadoras.

Entretanto, as discussões também evidenciaram que a implementação das metodologias ativas na educação básica ainda enfrenta diversos desafios. Entre eles, destacam-se a permanência de práticas pedagógicas tradicionais, a ausência de formação docente continuada, a precarização das condições de trabalho nas escolas e os currículos excessivamente conteudistas, que muitas vezes dificultam o desenvolvimento de práticas educativas mais investigativas e participativas.



Segundo Maurice Tardif (2014), os saberes docentes são construídos ao longo das experiências profissionais e das relações estabelecidas no cotidiano escolar. Dessa maneira, a construção de práticas fundamentadas nas metodologias ativas exige investimentos em processos formativos que possibilitem aos professores refletirem criticamente sobre suas práticas pedagógicas e desenvolverem estratégias de ensino mais participativas e contextualizadas.

Outro desafio identificado refere-se à compreensão superficial das metodologias ativas, muitas vezes reduzidas apenas à utilização de recursos tecnológicos ou atividades diferenciadas em sala de aula. Entretanto, conforme discutido ao longo deste estudo, as metodologias ativas precisam ser compreendidas para além de técnicas pedagógicas isoladas, constituindo-se como práticas educativas fundamentadas na participação, na problematização da realidade e na construção coletiva do conhecimento.

As análises realizadas também evidenciaram que a efetivação das metodologias ativas depende diretamente do compromisso ético, político e pedagógico das instituições escolares e dos profissionais da educação. A construção de práticas educativas emancipatórias exige planejamento, intencionalidade pedagógica, valorização docente e reconhecimento dos estudantes enquanto sujeitos históricos e sociais.

Nessa perspectiva, os resultados deste estudo apontam que as metodologias ativas possuem grande potencial para contribuir com a construção de uma educação mais crítica, democrática, inclusiva e humanizadora. Ao favorecerem o protagonismo estudantil, a autonomia, a participação coletiva e a construção significativa do conhecimento, essas metodologias fortalecem processos educativos comprometidos com a formação integral dos sujeitos e com a emancipação humana.

Portanto, discutir metodologias ativas na educação básica implica defender práticas pedagógicas que ultrapassem modelos tradicionais de ensino e reconheçam os estudantes como sujeitos capazes de pensar, questionar, criar e transformar suas realidades sociais. Assim, as metodologias ativas configuram-se como importantes possibilidades para o fortalecimento de uma educação comprometida com a cidadania, a democracia, a justiça social e a formação crítica dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões desenvolvidas ao longo deste trabalho permitiram compreender que as metodologias ativas se constituem como importantes possibilidades pedagógicas para a construção de práticas educativas críticas, democráticas e emancipatórias no contexto da educação básica. Em uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais, transformações tecnológicas e



constantes mudanças culturais, torna-se indispensável repensar os processos educativos historicamente fundamentados em perspectivas tradicionais de ensino, centradas na transmissão mecânica de conteúdos e na passividade dos sujeitos diante do conhecimento.

Historicamente, a escola brasileira consolidou práticas pedagógicas influenciadas por modelos conservadores de educação, nos quais o professor ocupava posição central no processo de ensino-aprendizagem, enquanto os estudantes eram compreendidos como receptores passivos das informações transmitidas. Tal lógica, conforme problematiza Paulo Freire (1987), configura-se como educação bancária, uma vez que reduz os sujeitos à condição de depósitos de conteúdos, negando-lhes a possibilidade de participação crítica na construção do conhecimento e na leitura reflexiva da realidade social.

Nessa perspectiva, a educação tradicional contribuiu historicamente para a reprodução de práticas pedagógicas autoritárias, fragmentadas e descontextualizadas, distanciando os conteúdos escolares das experiências concretas vivenciadas pelos estudantes. Além disso, tal modelo fortaleceu processos de exclusão educacional ao invisibilizar os saberes populares, as culturas locais, as vivências comunitárias e as diferentes formas de produção do conhecimento construídas pelos sujeitos em seus territórios e contextos sociais.

As reflexões desenvolvidas neste estudo evidenciam que as metodologias ativas emergem justamente como possibilidade de ruptura com essa lógica tradicional de ensino, ao defenderem práticas pedagógicas fundamentadas na participação, na problematização, na investigação e na construção coletiva do conhecimento. Mais do que simples estratégias metodológicas ou recursos pedagógicos inovadores, as metodologias ativas representam uma mudança paradigmática na compreensão dos sentidos da educação, da aprendizagem e da formação humana.

Segundo José Moran (2018), as metodologias ativas favorecem processos educativos centrados na participação efetiva dos estudantes, estimulando a autonomia, a criatividade, a criticidade e a capacidade de resolução de problemas. Nessa perspectiva, o aprender deixa de ser compreendido como ato passivo de recepção de conteúdos e passa a constituir-se como processo dinâmico, investigativo e participativo, articulado às experiências sociais e culturais dos sujeitos.

Entretanto, compreender metodologias ativas apenas como técnicas pedagógicas diferenciadas representa um reducionismo teórico que esvazia seu potencial crítico e emancipador. Conforme discutido ao longo deste trabalho, tais metodologias precisam ser compreendidas dentro de uma perspectiva de educação comprometida ética e politicamente com a formação humana integral, com a democratização do conhecimento e com a transformação social.



As contribuições de Paulo Freire (1996) mostraram-se fundamentais para compreender essa relação entre metodologias ativas e emancipação humana. Ao defender uma educação baseada no diálogo, na autonomia e na leitura crítica do mundo, Freire compreende a prática educativa como espaço de humanização, conscientização e libertação dos sujeitos. Para o autor, ensinar não significa transferir conhecimentos prontos, mas criar possibilidades para que os educandos construam saberes a partir de suas experiências, vivências e relações sociais.

Nessa direção, as metodologias ativas aproximam-se significativamente da pedagogia freireana ao valorizarem o protagonismo estudantil, a escuta, a participação coletiva e a construção compartilhada do conhecimento. Tais práticas contribuem para o desenvolvimento da consciência crítica, possibilitando que os estudantes deixem de ocupar posições passivas diante da realidade social e passem a compreender-se como sujeitos históricos capazes de intervir e transformar o mundo em que vivem.

As discussões teóricas também evidenciaram que as metodologias ativas contribuem para a construção de aprendizagens mais significativas e contextualizadas, especialmente por articularem os conteúdos escolares às experiências concretas dos estudantes. Conforme discute John Dewey (1979), a aprendizagem torna-se mais significativa quando os sujeitos participam ativamente das experiências educativas e conseguem relacionar os conhecimentos escolares às situações vivenciadas no cotidiano. Assim, o processo educativo deixa de estar fundamentado apenas na memorização de conteúdos fragmentados e passa a valorizar a investigação, a reflexão crítica e a resolução de problemas reais.

Outro aspecto relevante identificado ao longo deste estudo refere-se ao potencial inclusivo das metodologias ativas. Ao reconhecerem os diferentes ritmos, experiências, culturas e formas de aprendizagem dos estudantes, essas metodologias favorecem práticas pedagógicas mais democráticas e humanizadoras, possibilitando maior participação dos sujeitos nos processos educativos. Nesse sentido, as metodologias ativas contribuem para a superação de práticas escolares excludentes, fortalecendo a valorização das múltiplas identidades e saberes presentes no espaço escolar.

As contribuições de Miguel Arroyo (2011) reforçam essa compreensão ao defender que os sujeitos da educação carregam histórias, culturas, experiências e saberes produzidos em suas trajetórias de vida. Para Arroyo, pensar uma educação humanizadora exige reconhecer os estudantes para além dos conteúdos escolares, compreendendo-os como sujeitos de direitos e produtores de conhecimento. Dessa maneira, as metodologias ativas possibilitam a construção de



práticas pedagógicas mais sensíveis às realidades sociais dos educandos, fortalecendo processos educativos comprometidos com a dignidade humana e com a justiça social.

Entretanto, as análises realizadas também evidenciaram os inúmeros desafios presentes na implementação das metodologias ativas no contexto da educação básica brasileira. A permanência de currículos excessivamente conteudistas, a precarização das condições de trabalho docente, a ausência de investimentos educacionais, a sobrecarga profissional e as desigualdades estruturais ainda limitam significativamente a construção de práticas educativas verdadeiramente críticas e emancipatórias.

Além disso, muitos professores foram historicamente formados em perspectivas tradicionais de ensino, o que torna ainda mais necessária a construção de processos de formação docente inicial e continuada comprometidos com práticas pedagógicas participativas, investigativas e contextualizadas. Conforme discute Maurice Tardif (2014), os saberes docentes são construídos nas experiências cotidianas da prática pedagógica, exigindo constante reflexão sobre os desafios educacionais e sobre os sentidos da docência na contemporaneidade.

Nesse contexto, pensar metodologias ativas implica também discutir políticas públicas educacionais, valorização docente e democratização das condições de acesso ao conhecimento. Não se trata apenas de modificar técnicas de ensino, mas de construir uma nova concepção de educação comprometida com a formação crítica dos sujeitos e com a transformação das relações sociais historicamente marcadas por desigualdades e exclusões.

As contribuições de Dermeval Saviani (2018) tornam-se fundamentais nesse debate ao defender que a educação escolar deve possibilitar aos sujeitos a apropriação crítica do conhecimento historicamente produzido pela humanidade. Assim, uma educação comprometida com a emancipação humana precisa ultrapassar perspectivas meramente tecnicistas e instrumentalizadoras, assumindo um compromisso político com a formação integral dos indivíduos e com a construção da cidadania crítica.

Dessa maneira, conclui-se que as metodologias ativas possuem significativo potencial para contribuir com a construção de práticas pedagógicas mais democráticas, críticas, inclusivas e humanizadoras na educação básica. Ao favorecerem o protagonismo estudantil, a autonomia intelectual, a participação coletiva, o diálogo e a construção significativa do conhecimento, essas metodologias fortalecem processos educativos comprometidos com a formação humana integral e com a emancipação social dos sujeitos.



Portanto, defender metodologias ativas significa defender uma educação comprometida com a dignidade humana, com a valorização dos saberes dos estudantes, com a democratização do conhecimento e com a transformação social. Trata-se de compreender a educação não apenas como espaço de transmissão de conteúdos, mas como prática ética, política e humanizadora, capaz de contribuir para a formação de sujeitos críticos, conscientes e participantes da construção de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária.

Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir para o aprofundamento das discussões acadêmicas sobre metodologias ativas, educação crítica e emancipação humana, incentivando novas pesquisas, práticas pedagógicas e reflexões comprometidas com a construção de uma educação básica mais democrática, inclusiva, contextualizada e socialmente transformadora.

Palavras-Chave: Metodologias ativas; educação básica; ensino- e aprendizagem; emancipação humana.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC, 2017.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. São Paulo: Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.



MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

